

MÉTODO COMPARATIVO: CÍRCULO VICIOSO

Wanessa Rodvalho Melo Oliveira (UEMS)

wanessarmelo@hotmail.com

Antonio Carlos Santana de Souza (UEMS)

acssuems@gmail.com

RESUMO

O que mais marca a característica identitária de um povo, é a língua que este fala, portanto, a Filologia busca descrever a língua em documentos antigos, estendendo-se para conhecer a história, a literatura e a cultura por meio de seus escritos. A proposta teórica está pautada em José Leite de Vasconcellos (1996) e José Pereira Silva (2010). Este artigo visa retirar do poema *Círculo Vicioso*, escrito por Machado de Assis, entre 1879–1880, palavras que foram escritas em um português mais arcaico destrinchadas em um quadro etimológico, semelhante ao apresentado por Rodolfo (ILARI, 2004, p. 23). Para percorrer o processo de comparação, as línguas escolhidas são as derivadas do latim devido a sua intervenção na língua portuguesa e por marcar várias particularidades na escrita, além de outras influências estrangeiras que o poeta utilizou para enriquecer o poema. Algumas palavras deste quadro passarão por análise descritiva e originária, para mostrar o seu processo evolutivo. Conclui-se que a relevância dessa pesquisa filológica seja mostrar como era escrito o português mais antigo e como sofreu tantas alterações. Algumas palavras se perderam, outras surgiram, mas permanece a riqueza de pesquisar e conhecer a base da nossa língua materna.

Palavras-chave:

Filologia. Língua. Método Comparativo.

ABSTRACT

What most marks the identity characteristic of a people, is the language that they speak, therefore, Philology seeks to describe the language in ancient documents, extending to know history, literature and culture through its writings. The theoretical proposal is based on José Leite de Vasconcellos (1996) and José Pereira Silva (2010). This article aims to remove from the poem *Círculo Vicioso*, written by Machado de Assis, between 1879–1880, words that were written in a more archaic Portuguese, broken into an etymological framework, similar to that presented by Rodolfo (ILARI, 2004, p. 23). To go through the comparison process, the languages chosen are those derived from Latin due to their intervention in the Portuguese language and for marking various peculiarities in writing, in addition to other foreign influences that the poet used to enrich the poem. Some words in this table will go through descriptive and original analysis, to show their evolutionary process. We conclude that the relevance of this philological research is to show how the oldest Portuguese was written and how it has undergone so many changes. Some words have been lost, others have emerged, but the wealth of research and knowledge of the basis of our mother tongue remains.

Keywords:

Language. Philology. Comparative Method.

1. Introdução

O Império Romano conquistou muitos povos mediante sua força, sendo que uma das suas primeiras atitudes foi impor a sua língua como forma de domínio. Tal imposição frente aos vencidos se explica pelo fato de a língua ser uma marca cultural registrada na identidade dos vencedores e todo o seu contexto histórico e social. Assim, anular ou impor outra língua faz com que o povo vencido perca sua essência linguística, abalando dessa maneira, as gerações subsequentes.

Roma estava localizada na região do Lácio, por isso a denominação de latinos ao povo do qual os romanos descendem, e de latim, a língua formal desse Império (ASSIS, 2011). Diante desse cenário, por onde os romanos passavam a sua língua ficava em evidência, seja pelo latim vulgar de vocabulário reduzido, somente falado e por isso sujeito a uma variação linguística maior, como também pelo latim culto/clássico, caracterizado por sua linguagem complexa, tanto na oralidade como nos registros textuais, usado pela elite da sociedade.

O latim vulgar caracteriza-se como a modalidade da língua imposta aos vencidos, predominando sobre as variantes dos povos de diferentes regiões. Portanto, além da influência de várias línguas diferentes, com o decorrer do tempo sofreu o mesmo processo de transformação linguística.

Formaram-se assim, as línguas românicas ou neolatinas surgidas dentro dos domínios do Império Romano (ASSIS, 2011). Esse processo de transformação da língua latina pertence ao estudo da Linguística Histórica, já que por meio do latim outras línguas surgiram, como o caso do espanhol, galego, português de Portugal, e do português brasileiro.

Para sistematizar esse estudo, será apresentada a Filologia que estuda a língua e as coisas literárias, não na parte da linguística social, mas na sua estrutura, no processo de cultura, na preservação e transição das palavras na escrita, visto que ao longo da história, seu conceito sofreu muitas mudanças.

2. Breve contexto histórico

O contexto geográfico onde se falava a língua latina era desprestigiado na Península Itálica, haja vista que povos ao redor falavam línguas parecidas. A ascensão do latim começou com a guerra entre romanos e

cartagineses, conhecida como “Guerras Púnicas”. Após a vitória de Roma e de um século de lutas, a sua língua e seus costumes foram gradualmente adotados no mar Mediterrâneo e em grande parte da Europa, dando origem ao Império Romano (MAGNOLI, 2009).

A partir desse momento, o latim, como língua viva, começou a se expandir. Sobre isso, Ilari (2004), em seu livro *Linguística Românica*, faz uma excelente reflexão:

O latim, língua de uma sociedade que ia evoluindo e se tornando cada vez mais complexa, não poderia escapar a essa regra: seria normal que apresentasse diferentes socioletos, já que a sociedade romana foi por muito tempo estratificada em patrícios, plebeus e escravos; e que apresentasse desde a época em que foi a língua do Lácio e da Itália central diferentes variedades geográficas, já que teve que se impor a outras línguas, com estrutura às vezes muito próximas. Por outro lado, tornando-se a sociedade romana cada vez mais complexa e articulada, é fácil imaginar que se diversificariam também as situações de uso da língua. (ILARI, 2004, p. 57)

A soberania do Império Romano fez com que muitas pessoas aderissem ao latim como língua de prestígio, desejando assim, partilhar da cultura dos romanos, uma vez que tal feito significava proteção para muitos povos, pois governavam e traziam benfeitorias ao povo.

Cada vez mais a língua latina recebia influências e se expandia junto às conquistas dos romanos, pois suas vitórias significavam desenvolvimento, em consequência, seu grande domínio (social, geográfico, político e cultural) fez com que toda a Península Ibérica aderisse ao latim vulgar como língua majoritária, contribuindo para que as línguas minoritárias desaparecessem gradativamente, como explica Silva:

Em dois aspectos, principalmente, os romanos eram intransigentes: primeiro, o uso obrigatório do latim para as transações comerciais, os atos oficiais e as questões forenses; depois, o serviço militar, obrigatório mesmo para a mocidade das terras conquistadas. Raramente um convocado servia em sua própria província, de modo que um gaulês, um germânico, um ibero, postos na mesma legião, lado a lado, só tinham um meio de comunicação – o latim, língua comum – tanto mais quanto nessa língua eram dadas a instrução militar e as ordens de comando. (SILVA, 2010, p. 20)

É interessante ressaltar que todo esse processo de colonização mostra a língua latina variada, pois os soldados que possuíam mais contato com o povo, não falavam um latim literário tão prestigioso quanto ao falado nos palácios de Roma, e em outras situações formais.

Com a invasão dos árabes e outros povos, a Península Ibérica re-

cebeu outras culturas, então a questão territorial, aos poucos, deixa de ser romana, constituindo, portanto, uma nova fase. Diante de fortes mudanças, o domínio romano entra em declínio, e como consequência:

Os bárbaros destruíram o Império, quebraram a relativa unidade linguística, fizeram desaparecer as escolas, extinguíram a organização comercial, mas não puderam resistir ao brilho da civilização latina e, fato estranho, embora conquistadores, acabaram vencidos pela cultura dos povos conquistados, principalmente depois que o cristianismo ajudou a abrandar a aspereza exterior de uma raça fundamentalmente mística. (SILVA, 2010, p. 24)

Nesse meio tempo, nos anos de 711, a invasão dos mulçumanos marca uma nova era, a “Reconquista”, e, por volta dos anos 1000, inicia-se o “Reino Independente de Portugal”, período esse em que os cristãos não sofreram tantas influências dos mouros, assim, mais tarde, formaram-se três línguas peninsulares: “o galego português a oeste, o castelhano no centro e o catalão a leste. Estas línguas, todas três nascidas no Norte, foram levadas para o Sul pela Reconquista” (TEYSSIER, 1994, p. 8).

Os portugueses aderiram ao latim, embora com o passar do tempo, a própria língua foi buscando sua identidade, criando-se outras palavras e modernizando-se. Do mesmo modo aconteceu no Brasil, quando os portugueses aqui chegaram, as línguas indígenas eram predominantes, contudo, depois do período de colonização, o português falado no Brasil foi distanciando-se do português de Portugal. Pelo mesmo viés de ideias estão às considerações de Almeida (2007) em sua tese de doutorado ao explicitar sobre como se deu esse processo de transição:

Decreto-lei nº 292 de 23 de fevereiro de 1938, que manda adotar nas repartições públicas e estabelecimento de ensino a ortografia a que se refere o Decreto nº 20.108, de 15 de junho 1931, resultante do acordo firmado entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia das Ciências de Lisboa – passa esta obra a ser editada em observância ao que determina a mencionada lei. (ALMEIDA, 2007, p. 99 *apud* CARVALHO, 2005, fl 02)

Certamente, todos os acordos ortográficos até a presente data vigoram para que haja harmonia entre as duas línguas portuguesas, tendo em vista que as semelhanças são importantes, mas as particularidades das duas línguas fazem com que as marcas dos países sejam enriquecidas e exaltadas, desse modo:

À medida que o homem muda a sua concepção de ser, altera a sua relação com a linguagem, com a língua e com a produção gramatical, pois a alteração está na reordenação de elementos capazes de aperfeiçoarem cada vez mais o processo de comunicação, sem, todavia, transformar o sistema da língua. (ALMEIDA, 2007, p. 120)

A linguagem e a língua têm relação com o indivíduo, pois ao se expressar, toda comunicação fica evidente às perspectivas que o falante possui sobre o seu conhecimento não apenas intelectual, mas também cultural.

3. *O Latim*

Para a língua portuguesa do Brasil ser construída no que se apresenta atualmente, um processo longo de conquistas históricas teve que ser percorrido, desde o princípio com o latim falado e escrito na Península Ibérica, com suas enormes variações, até o português de Portugal falado nos países que tiveram os portugueses como colonizadores, portanto, Cabo Verde, Angola, e em outros, inclusive no Brasil, a língua se transformou para gerir a originalidade de um povo e se expandir com a cultura. Assim, cada um tem uma língua portuguesa com características semelhantes e diferentes, sotaques e dialetos próprios.

Pontuando sobre a importância do Latim, o professor Dr. Mário Viaro exalta:

O latim serve-nos de trampolim para mergulhos mais profundos na nossa visão de mundo, no nosso modo de pensar, na nossa vida. Aquele que entende bem a mensagem que o latim passa em seus textos se questionará melhor e verá que antes de nossos valores, havia outros, muito distintos, mas perfeitamente coerentes, que merecem nossa admiração e respeito. (VIARO, 1999, p. 8)

Tal visão remete também à construção de uma língua marcada por conflitos e questões de poder político, conforme aconteceu como a língua portuguesa, por meio da imposição aos índios. Portanto, estuda-se latim para melhor entendê-la e, assim, compreender a gramática normativa, dando valor aos princípios norteadores como base da nossa língua.

Embora não haja nenhuma nação que tenha a língua latina como idioma oficial, conclui-se que esta não pode ser considerada uma língua viva, tendo em vista que vive apenas no linguajar cotidiano das pessoas que falam tais expressões: *carpe diem*, *idem* e *lato sensu*; remetendo, desse modo, à memória e não deixando morrer a língua que deu base para a formação de outras (francesa, italiana, espanhola e portuguesa).

4. *A Filologia*

Para melhor entender a diferença entre a Filologia e a Linguística, recorreremos às análises de Silva Neto (1957): a Linguística estuda as línguas de maneira bem ampla, não sendo aconselhável falar linguística francesa, já que a Filologia é mais específica, pois estuda, por exemplo, a língua francesa. Entretanto, torna-se obvio que as duas ciências não são dois paralelos, por conseguinte, cada uma tem seu campo de pesquisa, como define Coutinho (1976, p. 17) ao entender que a “Filologia é a ciência que estuda a literatura de um povo ou de uma época e a língua que lhe serviu de instrumento”. Por seu turno, Erich compreende que:

A filologia é o conjunto das atividades que se ocupam metodicamente da linguagem do Homem e das obras de arte escritas nessa linguagem. Como se trata de uma ciência muito antiga, e como é possível ocupar-se da linguagem de muitas e diferentes maneiras, o termo filologia tem um significado muito amplo e abrange atividades assaz diversas. (AUERBACH, 1972, p. 11)

A filologia ocupa-se em três campos de pesquisa, a Clássica, a Linguística e a Românica, sendo essa última responsável por trabalhar com os métodos de análise de textos e coisas antigas em diversas línguas da Linguística Românica. Desse modo, a proposta desse estudo perpassa por essa abordagem, tendo em vista retirar algumas palavras do poema “Ciclo Vicioso”, do saudoso escritor Machado de Assis, entre os períodos de 1879 a 1880, para uma análise mediante método comparativo histórico.

Imprescindivelmente, um nome importante no estudo desse campo da Filologia é José Leite de Vasconcellos (1996, p. 9): “Nas minhas preleções, entendo de ordinário por filologia portuguesa o estudo da nossa língua em toda a sua amplitude, no tempo e no espaço, e, acessoriamente, o da literatura, olhada, sobretudo como documento formal da mesma língua.”. Portanto, tal ciência pode ser usada na análise de documentos históricos, biografias, textos literários, além de qualquer outro método de pesquisa que busque mapear a língua ou coisas antigas.

5. *O Método Comparativo*

O ser humano tem a tendência de buscar conhecer e comparar as coisas para chegar a uma conclusão, contudo, o fato de comparar permite que tenha várias visões de um mesmo assunto, ampliando o conhecimento e adequando-se ao que é necessário. O método comparativo começa

com Friedrich Diez ao comparar às línguas semelhantes, dando início a filologia românica que na época estudava as línguas semelhantes ao latim.

Rodolfo Ilari escreve que a Linguística Românica tem a função de reconstituição, portanto:

A semelhança constatada entre expressões pertencentes às diferentes línguas românicas prova que elas se originam de uma mesma palavra latina, e que a forma que essas palavras assumem nas línguas românicas é índice da forma que deve ter tido a expressão originária. (ILARI, 2004, p. 20)

O método comparativo histórico busca mostrar a evolução no decorrer do tempo de algumas palavras ou línguas, como *licare* > *plicar* > *chegar*; além disso, tende também a explicar como se deu tal desenvolvimento mediante comparação. No caso do latim, fazer esse retrospecto da língua foi facilitado pelos documentos registrados que resistiram à ação do tempo. Entretanto, pesquisar as línguas mais antigas ainda é uma dificuldade, visto que por muitos anos, a Língua Latina, com sua expansão, apagou algumas línguas nativas minoritárias.

Sobre o método comparativo-histórico, Bassetto entende o seguinte:

A linguagem é, inegavelmente, uma herança social, cuja história se estende por séculos. Uma visão completa, um conhecimento detalhado de seu mecanismo, de sua estrutura, de sua semântica e até de sua ortografia só podem ser obtidos através da pesquisa diacrônica. Os métodos, expostos acima em suas linhas essenciais, não deixam dúvida de que a filologia românica se desenvolveu com o método histórico-comparativo, adotado com mais êxito aqui do que no campo para o qual havia sido criado. As possíveis deficiências desse método foram sendo corrigidas depois pela geografia linguística e pelos outros métodos derivados, como a onomasiologia, Wörter und Sachen, linguística espacial etc. Enquanto o método histórico comparativo procura as ligações entre o “terminus a quo” e o “terminus ad quem”, o latim vulgar e as línguas românicas respectivamente, os outros métodos têm como objeto especificamente o “terminus ad quem”, pois investigam sincronicamente aspectos atuais dessas mesmas línguas, cujas explicações, porém, devem ser buscadas diacronicamente. (BASSETTO, 2001, p. 85)

Com as mudanças sofridas, a língua românica apresenta de forma evidente as marcas dessas transformações enraizadas no repertório linguístico, bem como dados de como a língua latina foi importante naquela época, além de explicar a etimologia de muitas palavras presentes no vocabulário da língua portuguesa brasileira, conforme defende os estudos

do professor Viaro (2017), em seu trabalho denominado “História das palavras: Etimologia”: “estudar etimologia requer conhecimentos de muitas línguas e etapas de línguas. O português, por exemplo, tem palavras de origem latina, grega, árabe, tupi, iorubá, entre outras.”

6. Método Comparatista na Poesia

Para exemplificar melhor o método histórico comparatista, tomou-se como base o quadro apresentado no livro *Linguística Românica*, de Rodolfo (ILARI, 2004, p. 23). As línguas escolhidas são derivadas do latim devido ao fato de algumas palavras fazerem parte da grafia brasileira. Entretanto, usou-se como exemplo palavras retiradas de um poema antigo, intitulado “Círculo Vicioso” (1879–1880), por marcar várias particularidades na escrita, assim como o poeta utilizou de outras influências estrangeiras para enriquecer o poema.

Segue o poema escrito na íntegra:

Círculo vicioso¹²⁸

(Machado de Assis)

Bailando no ar, gemia inquieto vagalume:

– “Quem me dera que fosse aquella loura estrella,

Que arde no eterno azul, com uma eterna vela!”

Mas a estrella, fitando a lua, com ciúme:

– “Pudesse eu copiar o transparente lume,

Que, da grega columna á gothica janella,

Contemplou, suspirosa, a fronte amada e bella!”

Mas a lua, fitando o sol, com azedume:

“Miseria! Tivesse eu aquella enorme, aquella

Claridade mortal, que toda luz resume!”

Mas o sol, enclinando a rutila capella:

– “Pesa-me esta brilhante aureola de nume.

Enfara-me esta azul e desmedida umbella...

Porque não nasci eu um simples vagalume?”

¹²⁸ Poema retirado do site: <<http://www.elfikurten.com.br/2016/05/machado-de-assis-poemas.html>> Acessado em 9/11/2019 às 17h13.

Quadro 1: Etimológico¹²⁹.

	Latim	Português	Espanhol	Francês	Italiano
Aquella	Ille	Aquela	Aquella	Celui-Là	Quella
Aureola	Nimbus	Auréola	Aureola	Auréole	Alone
Bailando	Saltare	Dançar / Dançando	Bailar / bailando	Danser	Ballare
Columna	Columna	Coluna	Columna	Colonne	Colonna
Estrella	Stella	Estrela	Estrella	Astre	Stella
Fosse	Ire	Ir/fosse	Ir/fue	Aller/Était	Andare/Era
Gothica	Gôdo	Gótica	Gótica	Gothique	Gotico
Janella	Fenestra	Janela	Janella	Fenêtre	Finestra
Lua	Luna	Lua	Luna	Lune	Luna
Umbella	Umbella	Sombrinha	Sobrilla	Ombrelle	Parasole
Vela	Centinela	Vela	Vela	Bougie	Candela

Fonte: ILARI, 2004, p. 23

O pronome demonstrativo registrado no poema como *aquella*, é originário da língua espanhola, embora o português brasileiro depois das modificações sofridas, perdeu a letra *l*, acontecendo uma síncope. Já a origem dessa palavra é latina, conforme explica Coutinho (1976) ao salientar que havia no latim clássico o uso na terceira pessoa para o pronome *ille*:

Havia no latim, a partícula *ecce*, que se combinava com algumas palavras, principalmente na fase arcaica do idioma, para pôr em relevo a idéia por elas expressa: *eccum* (*ecce +hunc*), *eccillum* (*ecce+illum*), *eccistum* (*ecce+istum*). Função idêntica desempenhava *atque*: *Atque ipse illic est* (Plauto). O composto *eccum*, pronunciado *eccu*, influenciado provavelmente por *atque*, deu *accu*, que melhor explica os pronomes arcaicos *aqueste* <*accu+iste*, *aquece* <*accu+isse* por *ipse* e o atual *aquele* <*accu+ille*. (COUTINHO, 1976, p. 256)

O verbo *bailando* registrado no gerúndio pertence à língua espanhola, pois em português, seria mais usual escrever dançando, em latim *Saltare*. Já o verbo registrado como *fosse*, está no imperativo, pretérito imperfeito, refere-se à 1ª e 3ª pessoa do singular, em espanhol *fue* e em latim *ire*, segundo (COUTINHO, 1976, p. 316), no “pretérito imperfeito: *fussem* por *fuissem* > *fosse*”.

A palavra *columna*, é grafada no latim e espanhol da mesma maneira; tem sua origem no latim, reformulada para a língua portuguesa com a perda da letra *m*, o que gerou uma assimilação, como explica

¹²⁹ As palavras estrangeiras que constam no quadro Etimológico foram retiradas dos dicionários que estão nas Referências Bibliográficas.

(HAEFER, 1869, p. 18) ao entender que “esta apócope do *m* encontra-se nas antigas inscrições e memorias latinas, e tem sua explicação, porque na pronúncia de tais palavras [*damno, columna e somno*] o *m* não soava”.

A palavra *estrela* em língua portuguesa possui a origem no latim *Stella*, mudança de grafia para o espanhol *estrella*. *Stella – estrella – estrela*, do latim para o espanhol, acrescentou a vogal *e*, acontecendo uma prótese, ainda sofreu outra mudança – “epêntese do *r* medial: *estrela*” (SILVA, 2010, p. 61) – do espanhol para o português perdeu a letra *l*, acontecendo um metaplasmo síncope, conforme entende (SILVA, 2010, p. 60): “*stella* > *estrela*”.

Lua é originada do latim *luna*, semelhante espanhol e italiano, com o desaparecimento da letra *n*, ocorreu uma síncope. Nesse contexto, Silva (2010, p. 59) explica que “Há casos de síncope que são constantes, como acontece, por exemplo, com as consoantes sonoras, que em geral desaparecem na passagem para o português, quando entre vogais.”.

Após análise das palavras acima, conclui-se que: “As modificações das palavras provêm dos meios precários que nos levam conhecimento de um idioma: a imperfeição das imagens auditivas e a incapacidade de reproduzir, com fidelidade, os sons ouvidos.” (COUTINHO, 1976, p. 135). Por isso, as palavras passam por um processo evolutivo a cada nova geração de falantes, algumas se perdem, outras surgem, mas não tira a riqueza de pesquisar e conhecer o surgimento da base da nossa língua materna.

7. Considerações finais

Espera-se que este trabalho, mesmo que de forma simples e abrangente, tenha atingido seu objetivo principal: entender o processo de transformação da língua latina até a forma da língua portuguesa que temos hoje. As informações apresentadas são apenas parte de uma síntese que merece mais estudo por ser tão importante e relevante para a construção da língua portuguesa.

Assim sendo, torna-se muito interessante ler os escritos de um livro antigo, a fim de poder analisar como era diferente a ortografia, como o caso do livro titulado “Por que alterações e transformações passarão as letras da língua latina quando dellas se formou a língua portuguesa?”, de (HAEFER, 1869). É nítido que muitas foram as palavras que ficaram em desuso, outras simplificaram diante de tantas transformações, mas ainda

temos um poema escrito em 1880, que já apresentava muitas mudanças, além de ser rico em influências, deixando assim, a obra ainda mais encantadora.

A história prepara os estudiosos a um passeio evolutivo de como a língua e a gramática se modificaram a cada época. Já os fatores políticos, religiosos, sociais, e outros, contribuem para uma ampliação e se moldam conforme a visão do homem a cada fase do tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Miguél Eugenio. *Alfredo Clemente Pinto e suas contribuições para o ensino de língua portuguesa: um estudo historiográfico*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – PUC-SP. São Paulo, p. 219. 2007.

ASSIS, Maria Cristina de. *História da língua portuguesa*. João Pessoa: UFPB, 2011.

AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. Trad. de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1972.

BASSETTO, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica: história externa das línguas*. São Paulo: USP, 2001.

BURTIN-VINHOLES, S. *Dicionário Francês-Português*. 4. ed. Porto Alegre: 1958.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

HAEFER, Carlos. *Por que alterações e transformações passarão as letras da língua latina quando dellas se formou a língua portuguesa?* Rio de Janeiro: Propriedade do autor, 1869.

ILARI, Rodolfo. *Linguística românica*. São Paulo: Ática, 2004.

MAGNOLI, Demétrio. *História das guerras*. São Paulo: Contexto, 2009.

MEA, Giuseppe. *Dicionário de Italiano português*. Portugal: Porto Editora.

PÉREZ, Aquilino Sánchez. *Diccionario de bolsillo de la lengua española*. 5. ed. España, 1997.

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 5. ed., Rio de Janeiro: Presença, 1957.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

SILVA, José Pereira da, 1946 – *Gramática história da língua portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: O Autor, 2010. 200 p.; 14 x 21 cm.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Trad. de Celso Cunha. 6 ed. Portuguesa. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1994.

TORREINHA, Francisco. *Dicionário Português-Latino*. 2. ed. Portugal.

VASCONCELLOS, José Leite de. *Lições de filologia portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: 1996.

VIARO, Mário Eduardo. A importância do latim na atualidade. In: *Revista de ciências humanas e sociais*. São Paulo, 1999.

_____. *História das palavras: Etimologia*. 2017. Disponível em <<http://museudalinguaportuguesa.org.br/wp-content/uploads/2017/09/Historia-das-palavras.pdf>> Acesso em 17 de dezembro de 2019, às 09h40.